

Resenha: **O trabalho das Imagens.**

Revista *Fotocronografias* Vol. 6 nº13. BIEV-NAVISUAL/UFRGS, 2020.

Ana Lúcia **Ferraz**<sup>1</sup>

A presente Resenha discute o sexto volume da Revista *Fotocronografias*, intitulado O Trabalho das Imagens; o número responde a uma chamada dedicada aos estudos do trabalho, reunindo de forma ampla a área da Antropologia do Trabalho ao trabalho das imagens e, sobretudo, com elas. A Revista foi criada em 2016 pela equipe do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) e pelo Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e a coordenação editorial é das professoras Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Importante aqui sublinhar que esta é uma das poucas revistas acadêmicas situada no campo da Antropologia Visual que se propõe a publicar primeiro imagens fotográficas, como produtos da pesquisa etnográfica, o que é um avanço importante para o reconhecimento do lugar da imagem no campo da Antropologia. Na Revista os ensaios fotográficos são antecidos por pequenos textos que situam a investigação levada à cabo pelas imagens. A produção visual se acerca de diferentes temas e abordagens dos mundos do trabalho e do fazer da etnografia visual.

A pergunta posta pelos editores desse número, Luísa Dantas, Guillermo Gomez, Felipe Rodrigues e Manoel Rocha, “de que maneira podemos, a partir da perspectiva etnográfica, produzir e nos relacionar com imagens do trabalho aderindo ao horizonte imaginativo dos grupos de trabalhadores pesquisados?”, anima, de maneiras diferentes, o conjunto dos trabalhos publicados.

Gostaria de fazer um comentário geral, antes de iniciar um diálogo com os diferentes ensaios apresentados, sobre a central importância de produzir a visibilidade pública da classe trabalhadora como sujeito político; o que se torna ainda mais importante em um momento como este que vivemos, de desorientação, divisão, derrota de um projeto que se institucionalizou nos poderes do Estado e a emergência de forças de extermínio dirigidas contra as imensas maiorias que constituem as classes

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Brasil. Email: [analu01@uol.com.br](mailto:analu01@uol.com.br)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-3672-8784>

trabalhadoras com sua heterogeneidade crescente e suas diferentes especificidades em termos das interseccionalidades do fatores de gênero, raça e estratificação social.

Meu comentário busca recuperar um instante vivido entre o fim dos anos 70 e o início dos 80, quando Eder Sader produz um livro que se chamou *Quando novos personagens entram em cena*, que tomou como objeto o movimento operário que foi capaz de derrubar a ditadura militar (1964-1984, ou seria até 1989?), porque estava enraizado em uma forma de vida, numa territorialidade que tomava bairros, associações, Igrejas, movimentos, sindicatos, Universidades, e se constituiu como alternativa à ordem autoritária. Queria pensar aqui como é que as diferentes resistências aparecem como ligadas a um modo de vida, a um *ethos*, que se territorializa no espaço, durante uma *duração*.

O que resiste é o modo de existência das classes trabalhadoras que, em diferentes regiões, assume diferentes formas, como podemos ver nesse número da revista: dos operários aposentados, aos trabalhadores rurais, dos ferroviários aos mineiros, das empregadas domésticas aos coletores de tabaco, dos vendedores ambulantes aos trabalhadores do transporte. O trabalho aqui assume ainda diferentes modos de nomear, são ofícios, atividades, artesanias, *poiesis*, *labor*, cuidado, ...

Entre as imagens do trabalho e o trabalho das imagens temos, nesse número, o olhar de pesquisadores de diferentes gerações, origens e vínculos institucionais e diferentes formas de fazer etnografia visual. Dialogo, então com os ensaios aqui apresentados, buscando compreender as relações construídas entre forma e conteúdo.

Agradeço ainda o trabalho da Chica Eckert no Navisual, constituindo coletivos de produção e reflexão sobre a antropologia em imagens e formando gerações de colegas, e no BIEV com Ana Luiza Rocha, experimentando a digitalização das imagens, e pondo o “patrimônio etnográfico”, (como ela definiu quando esteve no LISA/USP ainda nos anos 90), produzido pelos pesquisadores, para circular.

Também me aproximo do seu olhar pela investigação entre trabalhadores e pelas leituras de Henri Bergson, que também compartilho, este autor definiu o conceito de duração, um instante do tempo que se caracteriza por uma qualidade particular e que pode se cristalizar como imagem, podendo ser atualizada como memória, em outros tempos.

Esse é o trabalho do ensaio apresentado aqui, *Era uma vez uma vila mineira* retoma o arquivo de sua pesquisa de doutorado com os trabalhadores mineiros que

extraíam carvão em La Grand Combe, na França. Sua etnografia, que parte da memória dos trabalhadores, configura diferentes tempos – o tempo da Companhia, o tempo da nacionalização, o tempo do êxodo, e o tempo da demolição. Nas fotografias o tema das formas da cidade operária e o tema fundamental para a vida reprodutiva das classes trabalhadoras, a casa. A casa ao longo do tempo se metamorfoseia com as diferentes durações: das casas próximas às minas, às casas de duas peças com jardim e quintal, à moradia social e depois. As imagens apresentam uma paisagem, a cidade acolhida entre montanhas, a composição editorial da Revista faz as fotografias “conversarem”, reconstruindo a sensação de caminhar entre ruas estreitas, com prédios de dois pisos, com janelas e portas que se abrem para a rua. Não há como não lembrar aqui dos trabalhos seminais de José Sergio Leite Lopes, e de sua antropologia da fábrica com vila operária. Aqui a cidade operária e seu patrimônio arquitetônico perduram na fotografia que atualiza as formas da vida material, o quintal, a lenha, a cozinha, o fogão, a mata que ainda circunda a cidade, a feira, o lazer, a rua. O trabalho das imagens em sua textura e suas cores e na conversa com o texto, nos faz pensar no encontro entre finitude e eternidade quando, a convite dos Editores, a professora aceita dar a ver o seu acervo etnográfico. Walter Benjamin dizia que a história dos perdedores deve ser escovada a contrapelo pelo narrador que não diferencia entre os pequenos e os grandes eventos. Volto então ao meu ponto, é o modo de vida das classes trabalhadoras o que resiste. A memória do que foi um dia segue vibrando quando o narrador conta a sua experiência.

O trabalho das imagens no ensaio apresentado por Claudia Turra-Magni e Daniele Borges sobre o confinamento em hospitais colônia. O tema da internação compulsória dos pacientes diagnosticados com lepra é trabalhado como “patrimônio difícil”, e as imagens são postas a atuar em seu elemento afetivo, em que a foto-elicitação evoca outros tempos. Nas fotografias o abandono dos espaços, restos da drogradição autorizada pela lógica biomédica, antigos prontuários e fichas clínicas. Um trabalho de arquivo presentifica retratos, o trabalho da montagem aponta pertencimentos, vínculos desfeitos pelo encarceramento, restituindo as pessoas a suas relações e contextos. A noção benjaminiana de imagem-dialética faz reverberar a experiência do encarceramento, é preciso lembrar para que o estigma não se repita. Didi-Huberman e a imagem dos campos de concentração transformados em museus interrogam o sentido de tais experiências. Mas o sentido nunca será um universal, e as fotografias ganham legendas sobre o corpo da imagem, reminiscências: tinha muita

festa, parentes que viera a um casamento e morreram na colônia, a partir de 1980 começamos a combater o preconceito, dizem os que viveram institucionalizados. Outra legenda destaca a postura corporal indicando a forma da vida na instituição total. A montagem joga compondo com imagens e entre elas.

Yuri Mateus Rapkiewicz pensa durações ferroviárias e o encontro etnográfico como espaço de compartilhamento de imagens e objetos, como “gatilhos” para narrativas. A memória dos ferroviários é capaz de criar Museu, associações, mantendo viva uma sociabilidade. Ver-se aqui também é um dispositivo, nas devoluções de material filmado aos senhores trabalhadores. A figura de “etncolecionadores” é conceptualizada a partir das práticas de produção de acervo dos próprios sujeitos, a partir da recomposição de suas redes de relações. A fotografia enquadra o trem vivo, em movimento, objetos de trabalho, espaços e encontros, a pesquisa atua apoiando os Museus que valorizam uma cultura de uma comunidade identificada com a história ferroviária na região.

Luis Eduardo Achutti faz uma ode ao trabalho que é subdividido entre o trabalho do fotógrafo, o trabalho como pesquisa, inclui a pesquisa que fazem os recicladores em busca de materiais, o trabalho dos artistas, que inclui os circenses, e o trabalho industrial. O olhar de um jovem para a câmera fala da identificação de Achutti com o trabalho do fotógrafo. Temos aqui um conjunto diverso, uma escrita poética, o olhar estético. Não hierarquiza e divide trabalho manual e intelectual. Fotógrafo de rua elogia a fotografia ao elogiar o trabalho.

Paulina Siciliani y Hernán Palermo, estudam o trabalho dos petroleiros na Argentina. O ensaio é todo feito em preto e branco e enfoca os temas da masculinidade na plataforma de extração de petróleo e o disciplinamento desses que enfrentam intensas jornadas de trabalho em condições de risco à saúde e à vida. Nesse campo “o poço manda”, esta frase dita pelos trabalhadores expressa a situação de dominação enfrentada pelos homens. Nas fotografias, as imagens articulam corpos e correntes, metais, plataformas e o bruto do óleo, canos, roldanas, e o corpo está tomado pela atividade, pelo produto, pelo ambiente.

Luísa Maria Dantas constrói o personagem de Cleusa, trabalhadora doméstica, e valoriza, em planos de detalhe, as suas mãos, e, em planos de conjunto – o grupo, e sua sociabilidade. Restituindo a estas trabalhadoras, relegadas ao espaço íntimo e

doméstico, o lugar do sujeito político. As fronteiras teóricas entre o âmbito do reprodutivo e o do produtivo, são postas em questão por este trabalho.

Maria Rosa Andreotti flagra o trabalho nas ruas em diferentes partes do mundo globalizado, seu olhar compõe a paisagem que habita o sujeito; a composição fotográfica reúne o meio, o material e a paisagem habitada e composta pelo sujeito do trabalho. Homem, obra e meio fazem uma composição fortemente estética.

O ensaio de Mauro Castro vibra diferentemente, por assumir o lugar de onde fala. O trabalho editorial agrupa o material por temas: o trabalho, a cidade plural, o autorretrato. Escritor-taxista, o cronista da cidade enquadra o mundo a partir de seu espelho retrovisor, a partir de retratos produzidos ao volante; aparecem então personagens: vendedores ambulantes, garis, frentistas, artistas de rua, transeuntes; paisagens, horizontes, subterrâneos. O autorretrato nos faz pensar, aqui, que o conhecimento sempre é posicionado e incorporado. O conhecer de dentro não omite o lugar de onde se fala ou vê. Este ensaio obriga a evocar a referência a Donna Haraway que diz que o conhecimento é sempre posicionado, a perspectiva daquele que conhece é sempre parcial e seria então necessário, na Antropologia, objetivar ambas as posições na relação que é produtora de conhecimento. Agradeço, então, aos editores, por terem convidado Mauro Castro para colaborar com este número.

No ensaio de Sylvia Caiuby Novaes, o trabalho aparece como *ofício* e enquadra especificamente a atividade do amolador de facas. Citando Atget e Irving Penn evoca o momento da história da fotografia em que a vida cotidiana entra no mundo de uma visibilidade pública e o trabalho passa a ser representável. O ensaio evoca uma dimensão sensorial central quando anexa a seu texto os *links* com os sons que fazem esses trabalhadores para anunciar seu trabalho pelas ruas. O enquadramento elege enfocar o gesto, seu contexto, os objetos do trabalho e a paisagem das ruas dos bairros de São Paulo. A dimensão sensível, evocada pela imagem fotográfica, evoca os outros sentidos na memória sensorial, que não estão divorciados no cotidiano vivido da cidade.

O trabalho de Luzo Reis evoca August Sander e a ideia do artesão. A atenção ao fazer dos Artífices Cuiabanos, trabalhadores manuais no Mato Grosso revela uma admiração pelo sujeito transformado em objeto fotografado: o personagem, suas ferramentas, o espaço construído, ocupado pela atividade. Temos uma relação de empatia que se faz ver no ensaio fotográfico.

Alex Nakaoka em *Pesca e Prosa* fala em ofícios tradicionais e enquadra o trabalho do peixeiro. Apresenta uma série que reconstrói a atividade, numa didática do trabalho. Vemos, então, a relação de cumplicidade e compartilhamento de objetivos da relação etnográfica construída se faz ver na série. Em detalhe vemos cada fase do trabalho do feirante peixeiro.

Nana Brasil nos leva a amanhecer no mercado ver o peso. Desse ponto de vista, quem produz é o rio e as correntes fluviais que alimentam as populações ribeirinhas com a colaboração dos pescadores. Estamos no mundo das docas, que vai se transformar com o movimento do sol de subir no céu, e o mercado vai se transformando, madrugadas e manhãs, fazem aparecer a tapioca e o café, mais tarde as ervas para tempero e banhos, Depois, a maniçoba e os homens e mulheres que alimentam a população da cidade. Nana nos oferece as luzes e as cores de Belém. Gostaria de ressaltar como há aqui essas outras presenças que são pensadas como produtores, o rio, os igarapés, em relação com os pescadores que alimentam a cidade.

Thiago Azevedo enquadra a Reserva extrativista Mãe Grande de Curuçá, encontrando a dimensão poética do imaginário da Amazônia A relação com as marés, os igarapés e rios, as formas de habitar, a palafita, a praia de rio, o mangue, a rede, a canoa, formas de habitar as águas. Nesses dois últimos trabalhos temos a relação com o meio, como aquele que aparece como o sujeito produtor. A terra, as águas, oferecem o que é necessário para viver. O saber habitar se desenvolve na relação com o meio, produzindo saberes, técnicas. Esses dois últimos ensaios evocam mundos marcados por concepções particulares que alteram nossa noção do que seja o trabalho.

Na pág. 250 o coletivo coordenado por Lorena Moraes e Nicole Pontes UFRPe pesquisam os usos do tempo entre mulheres rurais. Na experiência das mulheres trabalhadoras camponesas, as 24 horas da vida cotidiana são repletas de trabalho, aqui também as fronteiras entre trabalho produtivo e reprodutivo não se deixam ver. Na casa, no quintal e na roça, todos os espaços sociais envolvem o trabalho do Cuidado, a relação com a terra é o eixo do olhar e as luzes e cores da roça constroem a fotografia que compõe a capa desse número da revista.

Janaina dos Santos e Alejandro Escobar se relacionam com o trabalho no cacau e tem como eixo a noção de conhecimento tradicional. Estamos num assentamento do MST que tem 25 anos na Bahia. Me pergunto se a noção de “agroecologia”, seja mesmo necessária nesse caso, ou se não oculta outras categorias nativas próprias, que sejam

importantes para compreender as concepções dos assentados. A visibilidade dessa experiência segundo os autores é familiar para os interlocutores que tem a política do fazer-se ver para garantir a presença na terra. O enfoque nas técnicas, numa quase etnobotânica, valoriza o processo produtivo, temos em sequência a semente e o broto do cacau, o semear, a colheita, o processamento do chocolate. Este trabalho e o de Alex Nakaoka adotam a lógica da didática do processo produtivo, próximos das técnicas próprias dos sujeitos estudados.

Esses últimos trabalhos nos fazem pensar nesse diálogo com os campos amazônicos nos fazem pensar nesse repertório de conhecimentos próprios, técnicas, os saberes elaborados na prática de viver em tais meios, uma ciência própria a ser reconhecida pela antropologia.

Por fim, a investigação de Lourdes Salazar Martinez em *Working tobacco hands* argumenta e documenta as longas jornadas, as diferenças marcadas etnicamente entre trabalhadores brancos e indígenas migrantes. Discute as formas como o capitalismo reproduz formas de trabalho semi-escravo. Os povos huicholes, cora, tepehuano e mexicaneros, trabalham na confecção da *sarta*, grandes conjuntos de 800 folhas da planta, são contratados por seus saberes tácitos, seus “dedos ágeis” que são valorizados pelas grandes indústrias como Philip Morris. A pesquisadora lê alienação no trabalho, seu olhar enquadra de cima e legenda “hora do almoço. Menina sentada na sujeira comendo tortilha”. Um olhar que objetiva o trabalho partindo de conceitos prévios, talvez não compreenda as relações dos povos indígenas com a planta do tabaco. Os indígenas proletarizados mantêm suas noções próprias que reconhecem as forças presentes nos campos de tabaco que fazem a justiça nas relações de trabalho.

Meus comentários voltam então à pergunta inicial dos editores: “Como produzir imagens aderindo ao horizonte imaginativo dos grupos de trabalhadores pesquisados?”. Este número de *Fotocronografias* contribui muito com a Antropologia do Trabalho justamente por revelar suas diferentes formas de abordar e visibilizar os mundos sociais com os quais trabalhamos, mostrando as variadas formas de produzir a partir das imagens na Antropologia Visual.

## **REFERÊNCIAS**

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Vol.5, 1995, p. 7-41.

SEDER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. São Paulo, Paz e Terra, 1988.

Recebido: 22/10/2020

Aprovado: 08/12/2020